REPORTAGEM ESPECIAL

Água mineral ganha espaço e atrai investimentos no Rio Grande do Sul

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul
Especial para o JC

A tendência por hábitos de alimentação mais saudáveis pós-pandemia da Covid-19 e, no Rio Grande do Sul, especificamente, fortalecida após as enchentes de 2024, é determinante no aumento do consumo de água mineral nos últimos anos. O produto tem se tornado substituto preferencial aos refrigerantes e conquistado mercado também em razão da oscilação de qualidade da água oferecida pelo poder público. A esses fatores, associam-se estratégias das empresas do setor, que investem no desenvolvimento de propostas diferenciadas, em novas embalagens, no fortalecimento das redes de distribuição e no trabalho de mostrar ao mercado que água não é tudo igual.

De acordo com levantamento da Grand View Research, empresa de consultoria empresarial, o mercado global de água engarrafada movimentou US$ 451 bilhões no ano passado e a estimativa é alcançar a marca de US$ 611 bilhões até 2033. No Brasil, de acordo os dados da Agência Nacional de Mineração, a produção foi de 18,1 bilhões de litros em 2024, o quinto maior volume do mundo.

No Rio Grande do Sul, o setor é representado pela Associação Gaúcha dos Envasadores de Água Mineral, que tem 19 empresas associadas de um total de 47 concessionárias privadas autorizadas a atuar na atividade. O grupo associado é responsável pela exploração de 34 fontes, número que era de apenas quatro há duas décadas. "No passado, era forte a presença de marcas de outros estados. Hoje, a indústria local tem condições qualitativas e quantitativas de atender ao mercado gaúcho, embora o consumo por pessoa ainda seja baixo", assinala Éverton Steyer Netto, presidente da entidade. Segundo ele, o brasileiro consome, em média, apenas cerca de 170 mililitros de água mineral por dia.

Cada fonte tem características próprias e composições físico-químicas particulares, resultado de processo natural que ocorre no subsolo. O dirigente explica que, como consequência, algumas são mais leves, outras têm mineralidade mais acentuada.

Steyer Netto define o setor no Rio Grande do Sul como dinâmico e sensível às condições climáticas, com aumentos no verão de 20% a 30% em situações normais e de até 50% nas extremas. "É um desafio não só de produção, porque temos água em abundância e capacidade de extração, mas é preciso ter equipes preparadas, estoques disponíveis e logística, um ponto crítico da cadeia", argumenta.

A história da atividade no Estado é antiga. A primeira fonte de água mineral no Rio Grande do Sul completa seu centenário em 2026. Foi descoberta em 1926 por João Vontobel, dando origem à Fonte Ijuí, que foi vendida, em 2013, para a Vonpar, então engarrafadora de refrigerantes da Coca-Cola, onde seguiu envasada com o nome de Cristal.

Atualmente, resta uma bica, onde a população ainda mantém o costume de buscar água mineral para consumo. Da fábrica sobraram os prédios, que segundo informações seguem como ativos da fabricante de bebidas, hoje controlada pela Femsa.

A fonte de água mineral está localizada em áreas às margens do rio Ijuí, cerca de 15 quilômetros do centro da cidade. A fábrica funcionou até meados de 2017, quando foi fechada sob alegação de crise financeira e baixa venda do produto.

O complexo está instalado junto ao Parque da Fonte Ijuí, que contempla um grande espaço verde com mini golfe, churrasqueiras, área de camping e campos de futebol. A estrutura do hotel e spa Fonte Ijuí, construído em 1930, foi adquirida pela Ceriluz, em 2022, com o objetivo de criar um lar para idosos associados da cooperativa.

Leia mais nas próximas páginas

ÁGUA HORTÊNSIAS/DIVULGAÇÃO/JC

